

# ECONOMIA & TRABALHO

12

Brasília, quinta-feira,  
13 de fevereiro de 1997

EDITOR Nelson Travenço SUBEDITOR: Rozane Oliveira Telefone: (051) 342-1002/2-1771 Fax: (051) 342-0155 E-mail: economia@eddata.com.br

6 027 23001 CORREIO BRAZILIENSE

# QUARTA-FEIRA GORDA

*As bolsas de valores do Rio e de São Paulo, que funcionaram pela primeira vez em uma quarta-feira de cinzas, subiram 4,25%*

Vicente Nunes  
Da equipe do Correio

Quem entrasse ontem nos pregões das bolsas de valores, que funcionaram das 13h às 17h — metade do tempo em que operam normalmente —, acharia que a folia do carnaval tinha se transferido para ali. “O dia, que deveria ser de marasmo, por causa do feriado prolongado, foi uma festa para os investidores”, gritava, ao telefone, para um cliente de Nova York, o diretor-presidente da Distribuidora Vértice, de São Paulo, Isaac Michaan, um minuto depois do fechamento do mercado.

Do outro lado da linha, o investidor americano — que tem US\$ 20 milhões aplicados nas bolsas brasileiras — certamente não tinha porque duvidar da palavra do administrador de seu dinheiro. De calculadora em punho, Michaan desfiou uma série de números para deixar babando qualquer pessoa que gosta de ganhar dinheiro fácil. A alta de ontem das bolsas, de 4,25%, foi a maior do ano em um único dia (o recorde anual tinha sido registrado no dia 14 de janeiro, quando as bolsas subiram 2,8%).

Neste mês, as ações mais negociadas nas bolsas do Rio e de São Paulo acumulam valorização de 8,86%, quase vinte vezes a inflação média esperada para fevereiro, de 0,4%. Desde o primeiro pregão do ano, no dia 2 de janeiro, até ontem, as bolsas subiram 25,73% — mais de um terço de todo o ganho registrado ao longo de 1996, de 62%.

“Há uma lista de fatores para justificar a euforia que dominou as nego-

ciações no mercado acionário”, garante Carlos Antônio Magalhães, chefe do Departamento de Análise Financeira da Corretora City, do Rio. O primeiro e mais significativo, segundo ele, foi a declaração do presidente Fernando Henrique Cardoso, segunda-feira, na Itália, de que o setor de telecomunicações no Brasil estará totalmente aberto ao capital estrangeiro até 1999.

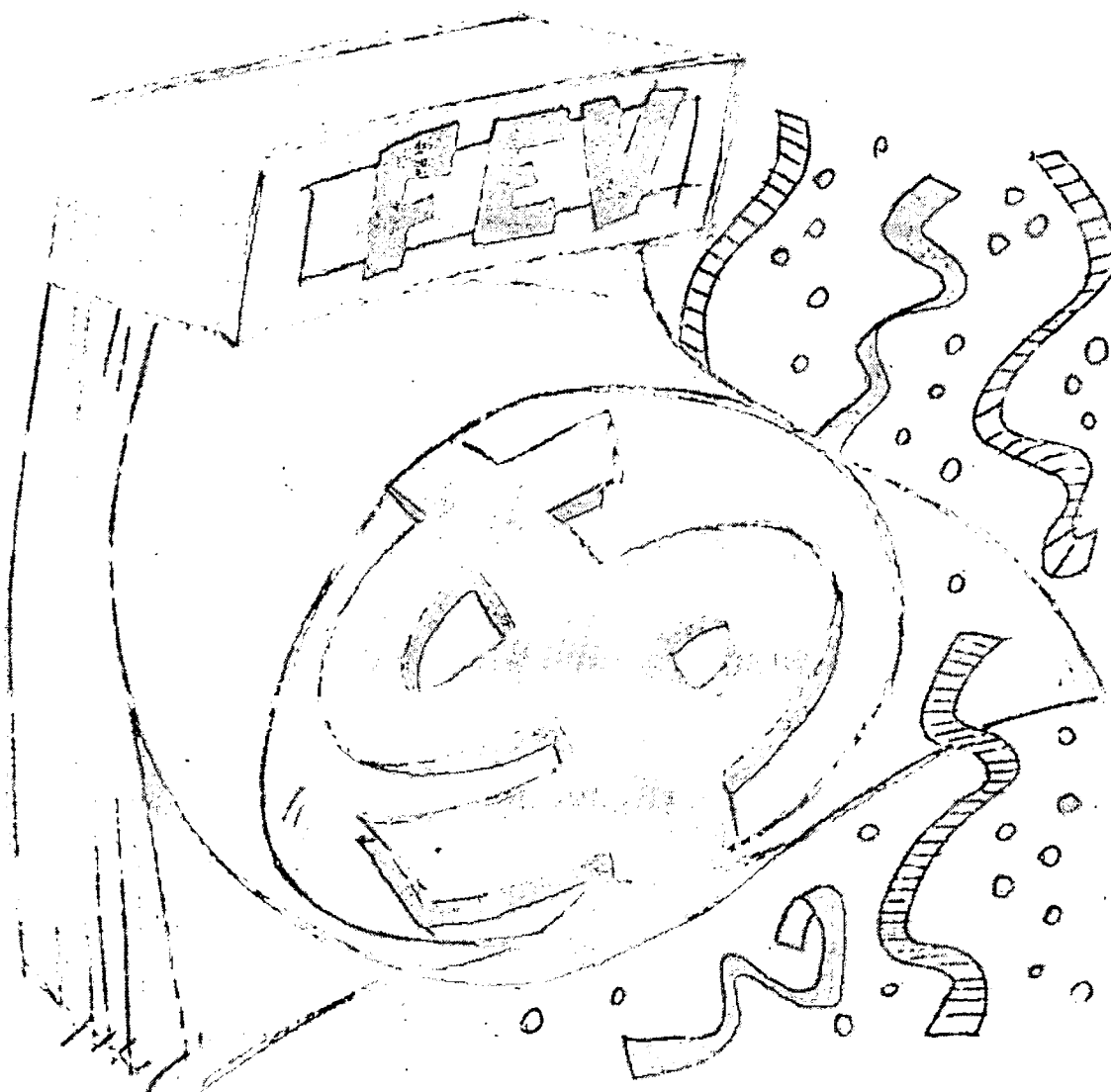
“Qualquer notícia que envolva a Telebrás e as suas subsidiárias é motivo para o mercado acionário dar um salto”, afirma o economista Renê Garcia, ex-diretor da Comissão de

Valores Mobiliários (CVM), autarquia vinculada ao Ministério da Fazenda que fiscaliza o mercado de capitais. “As ações da Telebrás respondem por mais de 80% dos negócios diários das bolsas. Assim, se os preços desses

papéis sobem muito, o impacto é imediato nos índices de lucratividade das bolsas”, explica Garcia.

Trocando em miúdos, o que o ex-diretor da CVM quer dizer é que, mesmo que a grande maioria das ações listadas nos pregões das bolsas caia, basta que os papéis da Telebrás subam para que, no mínimo, o IBV (índice da Bolsa do Rio) e o Ibovespa (de São Paulo) fechem o dia no zero a zero. Ontem, no entanto, foi dia de alta geral nas bolsas, comandada justamente pelas ações da Telebrás e de suas subsidiárias.

Segundo a Bovespa, as ações ordinárias (com direito a votos nas decisões da empresa) subiram 4,5% no dia, fechando em R\$ 97,50 o lote de mil, preço recorde no mercado.



Os papéis da Telesp, a telefônica paulista, tiveram valorização de 7,5%. A valorização das ações da Telemig, de Minas Gerais, foi ainda maior: 15,7%. Esse mesmo comportamento foi verificado no mercado de opções, no qual os investidores apostam na alta ou na baixa das bolsas, num determinado período. Os preços de algumas opções de Telebrás subiram até 500%.

## GLOBALIZAÇÃO

Para Isaac Michaan, da Vértice DTVM, não foram apenas as declarações de Fernando Henrique que animaram a quarta-feira de cinzas nas bolsas — em 157 anos de vida, a Bolsa do Rio nunca funcionou nesse dia e, na bolsa paulista, não se sabe de abertura do pregão nos últimos 50

anos. “Com a interligação dos mercados financeiros em todo o mundo e a migração muito rápida do capital (a chamada globalização), as bolsas brasileiras tiveram que correr contra o tempo para ajustar os preços das ações que são negociadas aqui e no mercado externo”, afirma o presidente da Vértice.

São os casos da Telebrás, da Vale e da Petrobras, por exemplo, cotadas na Bolsa de Nova York. Como o mercado aqui ficou fechado na segunda e na terça-feiras, por causa do carnaval, o dia foi de recuperar o terreno perdido. Os ADRs (títulos que representam as ações de empresas estrangeiras no exterior) da Telebrás tinham subido nos últimos dias, no mercado americano, quase 4%. Então era necessário equiparar as cota-

ções no Brasil, para evitar que os operadores desviassem os negócios das bolsas daqui para as de fora.

Segundo Ricardo Hinrichsen, analista de investimentos da Consultoria R. Sirotsky, do Rio, o mercado acionário do país vive um momento particularmente favorável. O governo está fortalecido no Congresso para tocar as reformas constitucionais, com a eleição de dois de seus principais aliados para comandar a Câmara, deputado Michel Temer (PMDB-SP), e o Senado, senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e conseguiu aprovar em primeiro turno na Câmara e emenda da reeleição. “O prato está cheio para os investidores”, garante ele.

■ Mais sobre ADR na página 13